CHILE / Com 14 representantes do sexo feminino, entre os 24 integrantes, gabinete anunciado pelo presidente eleito, Gabriel Boric, é marcado pela diversidade. Analista político vê tentativa do futuro governo de recuperar espaço no Congresso e reduzir fraturas na esquerda

As mulheres são a maioria

» RODRIGO CRAVEIRO

A 49 dias de ser empossado o presidente mais jovem da história do Chile, Gabriel Boric, 35 anos, surpreendeu, ontem, ao anunciar um gabinete marcado pela forte presença feminina e pela diversidade. Dos 24 ministros escolhidos pelo líder de centro-esquerda, 14 são mulheres e um terço é formado por independentes — principalmente nomes provenientes do meio acadêmico. "Nos acompanham nessa equipe de ministros e ministras pessoas de diversas origens e partidos; um gabinete diverso, um gabinete com maioria de mulheres (...), com presença de regiões, intergeracional, com pluralidade política, com diversos pontos de vista e com uma forte presença também de independentes e de militantes de partidos políticos", declarou Boric, durante a solenidade de apresentação do futuro gabinete, no pátio do Museu de História Nacional de Santiago do Chile.

Entre as pastas mais importantes a serem ocupadas pelas mulheres, estão as do Interior (Izkia Siches), das Relações Exteriores (Antonia Urrejola), da Defesa (Maya Fernández) e das Mulheres e Igualdade de Gêneros (Antonia Orellana). Com a mesma idade de Boric, Siches também terá a missão de chefiar o gabinete. Ela é médica cirurgiã da Universidade do Chile e, em 2017, fez história ao se tornar a primeira mulher alçada à Presidência do Colégio Médico. Urrejola, 53 anos, é advogada e ex-presidente da Comissão Interamericana dos Direitos Humanos. Maya, 50, é neta do ex-presidente Salvador Allende, deposto em 1973 em um golpe que instituiu o general Augusto Pinochet no poder. A mais jovem dos ministros, Orellana, 32, é uma conhecida jornalista e feminista.

Para Marcelo Mella, cientista político da Universidad de Santiago de Chile, o futuro gabinete pode ser interpretado como "um vinho" para os setores independentes da política. "A grande quantidade de mulheres e de ministros provenientes de distintas regiões do país busca ampliar as bases de respaldo social para o governo de Boric", admitiu. Ele também aposta que, com a indicação, o próximo presidente busca articular uma maioria política e remediar as divisões dos distintos espaços da esquerda chilena. Mella classifica o nome de Izkia Siches para o Ministério do Interior como um fato simbólico de alta relevância. "Pela primeira vez uma mulher ocupará essa pasta. Além disso, trata-se de uma política independente. Ela precisará do dobro de talento e de capacidade para enfrentar o restabelecimento da ordem pública e manter o apoio fundamental para a própria gestão", disse o especialista ao **Correio**.

Uma das primeiras impressões de Mella sobre a configuração do gabinete envolve o fato de ser composto por integrantes da coalizão eleitoral de Boric, a Apruebo Dignidad. "Também está formado por ministros oriundos de partidos da antiga Concertación (aliança de partidos de esquerda, centro-esquerda e centro que governo ou Chile entre 1990 e 2010) e por outros que provêm de um mundo mais independente e acadêmico, sem filiação a partidos políticos", explicou Mella. "Em resumo, podemos destacar três origens do gabinete de Boric: uma independente e reconhecida pelas universidades; uma de centro-esquerda; e uma da coalizão Apruebo Dignidad."

Respaldo

Mella acredita que a diversidade do futuro governo busca ampliar o respaldo parlamentar de Boric. "Com os resultados das eleições de novembro no Congresso Nacional, o presidente eleito contará apenas com 24% dos assentos da Câmara dos Deputados — muito distante da maioria simples e do quorum qualificado. A nomeação de ministros da centro-esquerda o aproximaria de 48% a 50% das cadeiras, se é que o gabinete pode manifestar apoio político no Congresso. É preciso lembrar que o fato de formar um gabiente de centro-esquerda não significa um apoio mecânico ao Legislativo, mas um sinal de entendimento e de convergência com setores moderados da centro-esquerda", comentou.

A escolha por Mario Marcel, ex-presidente do Banco Central, para o Ministério da Fazenda merece destaque. Mella lembra que Marcel é um político moderado, que conta com o respaldo das empresas privadas e do setor financeiro, além de prover da antiga Concertación. "É um bom sinal para o setor empresarial chileno, que esperava uma indicação de que as coisas não mudariam tão drasticamente."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O simbolismo e o fato de compor um gabinete majoritariamente feminino guarda relação com a necessidade de se criar espaço para mulheres e outros grupos sociais, especialmente os indígenas, excluídos do processo político institucional. Os nomes apontados por Boric refletem essa ênfase, de abrir espaço para que as mulheres ocupem espaços de poder de primeira importância."

Marcelo Mella, cientista político da Universidad de Santiago de Chile

Javier Torres/AFP



Boric (C) com o futuro gabinete ministerial, nas escadarias do Museu de História Natural de Santiago

Quem é quem

CONHEÇA OS PRINCIPAIS NOMES QUE VÃO ASSESSORAR BORIC DURANTE O GOVERNO, A PARTIR DE MARÇO

Ministério do Interior: Izkia Siches
Ministério das Relações Exteriores: Antonia Urrejola
Ministério da Defesa: Maya Fernández
Ministério da Fazenda: Mario Marcel
Ministério do Trabalho e da Previdência Social: Jeannette Alejandra Jara Román
Ministério da Saúde: María Bergoña Yarza Saez
Ministério da Agricultura: Esteban Manuel Valenzuela Van Treek
Ministério da Mineração: Marcela Ximena Hernando Pérez
Ministério de Bens Nacionais: Javiera Alejandra Toro Cáceres
Ministério da Energia: Claudio Alberto Huepe Minoletti
Ministério do Meio Ambiente: Maisa Rojas Corradi
Ministério do Esporte: Alexandra Benaro Vergara
Ministério da Mulher e da Igualdade de Gênero: Antonia Cósmica Orellana Guarello
Ministério da Habitação e Urbanismo: Carlos Eduardo Montes Cisternas
Ministério das Culturas, das Artes e do Patrimônio: Julieta Brodsky Hernández
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação: Flavio Andrés Salazar Onfray
Secretaria Geral da Presidência: Camilla Valejos

UCRÂNIA

EUA e Rússia mantêm foco na diplomacia

A Rússia e os Estados Unidos voltarão a se reunir "na próxima semana", depois de manter conversas "francas" sobre a crise em torno da Ucrânia. A tentativa de salvar a diplomacia ocorre no momento em que 100 mil soldados russos estão concentrados na fronteira com a ex-república soviética. A reunião de ontem, em Genebra, entre os chefes da diplomacia russa, Sergei Lavrov, e americana, Antony Blinken, é a mais recente de uma série de iniciativas diplomáticas que começaram com duas conversas telefônicas entre Vladimir Putin e Joe Biden, em dezembro.

Embora o tom tenha sido "franco e substancial", de acordo com Blinken, pouco serviu para acalmar as tensões após semanas de escalada verbal. Por sua vez, Lavrov disse que estabeleceu com o secretário de Estado dos EUA "um diálogo razoável" para "acalmar as emoções". Depois do encontro, que durou cerca de duas horas, o Ministério de Relações Exteriores da Rússia advertiu que, se os ocidentais continuarem "a ignorar as preocupações legítimas da Rússia" em relação à ampliação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) na Ucrânia e em sua fronteira ocidental, haverá "graves consequências".

Tratados

O chefe da diplomacia dos EUA pediu à Rússia que mostre que não tem intenção de invadir seu vizinho e "uma boa maneira de começar seria diminuir a escalada, retirar essas forças da fronteira com a Ucrânia", disse Blinken. O Kremlin nega qualquer intenção bélica, mas condiciona a desescalada à assinatura de tratados que garantam a não expansão da Otan e a retirada da Aliança do Leste Europeu. Algo inaceitável, segundo o Ocidente, que ameaça a Rússia com duras sanções se atacar a Ucrânia.

Blinken e Lavrov concordaram em se encontrar novamente, e Blinken não descartou uma cúpula entre os presidentes Joe Biden e Vladimir Putin. Uma ideia que Lavrov considerou prematura. "Bom saber que os contatos diplomáticos com a Rússia permanecem ativos", disse o ministro ucraniano de Relações Exteriores, Dmytro Kuleba, após a reunião.

Alex Brandon/AFP



Blinken (E) e o chanceler russo, Lavrov: reuniões nos próximos dias

Como sinal da complexidade da crise, a Rússia escolheu ontem, dia das negociações, para insistir na retirada das tropas dos países da Otan que aderiram à aliança após 1997. Moscou mencionou a Bulgária e a Romênia, embora a lista inclua 14 países do ex-bloco comunista. A Romênia considerou a exigência inaceitável, e a Otan a rejeitou, alegando que isso "criaria membros de primeira e de segunda classe".

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O ano começa a mostrar a cara

Está marcada para 11 de março a estreia da temporada 2022 no cenário político da América Latina. É quando toma posse, no Chile, o governo de centro-esquerda do presidente Gabriel Boric. Desde a vitória eleitoral, em dezembro, fermentava a expectativa pelo perfil da equipe chefiada pelo político mais jovem — 35 anos — a assumir o Palácio de La Moneda. O anúncio oficial, feito ontem, confirma o gabinete mais claramente à esquerda desde o de Salvador Allende, empossado em 1970 e deposto em 1973 pelo general Augusto Pinochet.

A presença de 14 mulheres entre os 24 ministros configura uma maioria feminina jamais vista na cena sul-americana. Sinaliza uma tendência e potencializa as atenções sobre duas eleições que definirão a balança de poder na região. Em maio, será a vez da Colômbia, onde a esquerda se encaminha para a reta final da campanha em posição inédita. Gustavo Petro, ex-guerrilheiro que se reintegrou à vida civil há três décadas, já foi prefeito da capital. Agora, lidera as pesquisas para a disputa presidencial.

Cipó de aroeira

Entre as ministras que integram o novo governo chileno, a própria função atrai atenções para a porta-voz, Camila Vallejo, uma entre três representantes do Partido Comunista no gabinete. Deputada desde 2014, ela foi uma das lideranças mais visíveis de um ciclo de protestos estudantis que se repetiu na explosão social de 2019.

Mais significativa, porém, é a escolha da titular da Defesa. Maya Fernández Allende é neta do presidente que morreu, em 1973, defendendo o palácio bombardeado pela Força Aérea amotinada. Que seja ela a assumir o comando civil e político das Forças Armadas é um movimento que sugere uma opção clara do presidente. Boric, ele próprio uma expressão dos movimentos sociais dos últimos anos, governará contracenando com uma Constituinte eleita para escrever uma Carta que substitua a legada pela ditadura militar, encerrada em 1990.

Sempre aparece

Na disputa presidencial da Colômbia, o último lance de impacto foi a entrada de uma nova concorrente. Ingrid Betancourt, a mais célebre refém política da guerrilha das Farc, anunciou a pré-candidatura, após prolongado retiro do cenário institucional. Em 2002, ela era candidata à presidência pelo Partido Verde Oxigênio quando se rompeu o processo de paz entre as Farc e o governo de Andrés Pastrana. Ingrid desafiou a orientação do exército e viajou à região do sul do país onde eram realizadas as negociações. Foi capturada pela guerrilha e libertada apenas em 2008, em ousada operação militar.

Desde então, Ingrid passou a maior parte do tempo na França, com a família, praticamente afastada da vida pública colombiana. Retornou a Bogotá para entrar oficialmente na corrida pela candidatura presidencial da coligação de centro integrada pelo seu partido.

No radar

Na expectativa pela posse de Boric, a diplomacia sul-americana se debruça na busca de sinais da orientação que o novo governo imprimirá à política externa. A chanceler será uma advogada sem militância partidária, mas com a carreira profissional ligada às questões de direitos humanos no pós-ditadura. Antonia Urrejola Noguera presidiu no período 2018-2021 a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), braço da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Desde o retorno da esquerda ao governo na Bolívia e no Peru — sem falar na Argentina —, voltou ao tabuleiro regional a opção de revigorar mecanismos de integração política, como a Unaul e a Celac. Voltado por natureza para o Pacífico, e adepto por estratégia do comércio exterior sem restrições, o Chile foi até aqui um observador algo distante de iniciativas como o Mercosul.

E por falar...

Outubro está ainda distante, em termos políticos e eleitorais, mas a tendência captada de início nas pesquisas de opinião sobre a corrida ao Planalto alimentam apetite crescente pela definição de quem comandará o Itamaraty a partir de 2023. A perspectiva de um terceiro mandato de Lula é percebida como reforço de peso para o roteiro encenado na América do Sul nas primeiras duas décadas do século, mas fora de cartaz desde que a gangorra pendeu de novo para a direita, nos últimos anos.

O ex-presidente brasileiro é visto como um dos patronos de iniciativas como a Unsaul e a Celac, bem como da revitalização do Mercosul. Formou uma trinca com o colega argentino Néstor Kirchner e o venezuelano Hugo Chávez. Pelo lado brasileiro, os artífices da diplomacia latino-americana foram o chanceler Celso Amorim e o assessor especial do Planalto para Assuntos Internacionais, Marco Aurélio Garcia.

O titular mais longevo do Itamaraty desde o barão do Rio Branco serviu como ministro da Defesa no governo Dilma e segue presente no debate sobre a política externa. O "professor" Garcia, como era conhecido pelos amigos e aliados, faleceu em 2017.